

## **Ponderações metodológicas: diálogo sobre as fundamentações filosóficas e epistemológicas das ciências**

*Methodological considerations: dialogue on the philosophical and epistemological  
foundations of science*

Glauco Anderson Arizi Pereira<sup>1</sup>

Universidad Autónoma de Asunción (UAA) Assunção-Paraguai

Javier Numan Caballero Merlo<sup>2</sup>

Universidad Autónoma de Asunción (UAA) Assunção-Paraguai

**Resumo:** O artigo que segue propõe o diálogo entre os autores sobre a construção e abordagem do objeto de estudo considerando os diversos componentes e fases do processo lógico de fundamentação da teoria do conhecimento. Conexão crítica e extremamente necessária na cadeia lógica entre supostos filosóficos, ontológicos, epistemológicos, e científicos metodológicos, com as suas técnicas de abordagem quantitativas e/ou qualitativas vinculantes a atividade das ciências sociais e humanas. Assim, a proposta é holística, implicando as escolhas de supostos em algumas de instâncias, espaços, territórios ou campos da construção do conhecimento na discussão no posicionamento respeito ao objeto de conhecimento. Filosofia e ciência constituem parceiros inseparáveis na dinâmica das aproximações ao objeto e seu conhecimento; pondo em questão, por isto, já como conhecimento crítico, as possibilidades de pressupostos e posições a respeito da sua abordagem, fundamentação e legitimidade.

**Palavras-chaves:** Objeto de conhecimento. Teoria do conhecimento. Pressupostos filosóficos. Pressupostos ontológicos. Ciência; Metodologias.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción (UAA-Paraguai), Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Americana (UA-Paraguai), Pós Graduado em Metodologia de Ensino e Pesquisa e Extensão em Educação (UNEB-Brasil), Graduado em Ciências Sociais com Ênfase em Consultoria e Planejamento socioeconômico (UNIFACS-Brasil)

<sup>2</sup> Pós Doutorado no Instituto de Investigación en Educación (IRE), Universidade de Barcelona (UB). Doutor em Ciências Humanas e Sociais (UNAM-Argentina), Licenciado em Sociología (UDELAR-Uruguai), Mestre em Sociología (UFRGS-Brasil). Pós Graduado em Direitos Humanos e Cidadania (IDH-Costa Rica); e, em Didática Universitária (UFRGS-Brasil) y (UCA-Paraguai). Docente-Pesquisador pela Escola de Pós-graduação (ESPO), Universidade do Leste (UNE). Docente-Pesquisador pela Universidad Autónoma de Asunción (UAA). Pesquisador Categorizado (PRONII-CONACYT). Áreas de atuação: Inclusão, equidade e coesão social em Educação Superior; Epistemologia das ciências sociais; Docência e Investigação em História Sociológica da Sociología em Paraguai. Contato: [javiernuman18@hotmail.com](mailto:javiernuman18@hotmail.com)

**Abstract:** The article that follows proposes the dialogue between the authors on the construction and elaboration of the object of study considering the various components and phases of the logical process of foundation of the theory of knowledge. Critique connection and necessary to prove the logical chain between philosophical, ontological, epistemological, and scientific methodological assumptions, with their techniques of quantitative and/or qualitative abrogation binding on the activities of the social and human sciences. Thus, purposefully and holistically, involving the selection of assumptions in some instances, spaces, territories or fields of construction of knowledge in discussion and position regarding the object of knowledge. Philosophy and science constitute inseparable partners in the dynamics of the object and its knowledge; In this way, for this reason, as critical knowledge, the possibilities of assumptions and positions respect its approach, foundation and legitimacy.

**Keywords:** Object of knowledge. Theory of knowledge. Philosophical assumptions. Ontological assumptions. Science. Methodologies.

## 1 INTRODUÇÃO

Independente da vontade caprichosa do cientista social, ou não, a complexidade dos fenômeno(s) humano(s) e da(s) sua(s) tomada(s) de decisão(ões) que implica(m) diretamente em ação(ões) cotidiana(s), seus desdobramentos e as devidas repercussões desses mesmos atos se impõe pela sua grandiosidade e relevância; mesmo que corriqueiramente seja considerado um *fato social* de menor importância, assunto recorrente nas discussões, nas mais diversas esferas sociais, tanto dentro, como fora do âmbito das universidades e dos grandes centros de pesquisas.

O papel do cientista antes de tudo é ser um observador analítico da sua realidade como propôs Machado de Assis (2008), contextualizando, aonde os papéis do escritor e do cientista social se confundem como é relatado em um fragmento do ensaio “Instinto de Nacionalidade”: “O que se deve exigir do escritor a antes de tudo, é um certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (Assis, 2008, p. 1205).

Qualquer análise filosófica, religiosa, etc, para qualquer fato, pressupõe um posicionamento implícito ou explicitamente assumido, em relação a esse fato. Como distinguir a posição verdadeira da falsa, se não se sabe o que é o verdadeiro conhecimento, se não se sabe discernir entre a certeza e a mera opinião, se não se

sabe como justificar se o conhecimento humano é limitado ou ilimitado, capaz de alcançar a verdade ou predestinado a permanecer no campo das hipóteses dos termos relativos? Essas indagações, bem como as diferentes respostas que os pensadores lhes deram, são o que constituem a disciplina filosófica chamada teoria do conhecimento (abrangendo questões mais amplas) ou, dependendo da escola filosófica, epistemologia (se posiciona especificamente sob a ótica da crítica em relação aos fundamentos estruturantes do conhecimento científico).

As ciências, matemáticas, físicas, biológicas e humanas são produto da atividade do espírito humano. O estudo científico da produção dessa atividade científica produzida pela ação do espírito é a epistemologia. Porém, antes que a investigação desta atividade fosse realizada em bases científicas, a ação de homens e mulheres voltada ao conhecimento já era objeto de reflexões filosóficas, reunidas sob o nome informal de “teoria do conhecimento”, epistemologia em sentido bastante genérico.

O objetivo desse estudo é identificar e analisar as propostas metodológicas mais adequadas\ recomendadas para se obter a melhor interpretação possível diante das nuances apresentadas no problema da pesquisa, que é o marco decisório não só para o aprofundamento como também para o desenvolvimento da pesquisa científica. A metodologia é de natureza bibliográfica observando sistematicamente a composição de diversas óticas promovendo não só a integração como também a contraposição sobre as perspectivas na interpretação do social, a literatura clássica foi estabelecida como critério de escolha sabendo-se a mesma é de vanguarda descrita consubstanciadamente no corpo do trabalho.

## **2 PRESUPOSTOS FILOSÓFICOS**

Para muitos filósofos das escolas francesas, epistemologia designa a disciplina que trata dos problemas filosóficos expostos pelas diversas ciências. Já nos países de língua inglesa, por influência de Popper (1993), a epistemologia é aplicada a parte da filosofia que estuda a origem, a estrutura e os métodos do conhecimento. Essas duas escolas foram chamadas de positivistas e antipositivistas, na descrição de Burrell e Morgan (1979).

Utilizamos aqui o termo “positivista” para caracterizar epistemologias que procuram explicar e prever o que acontece no mundo social, através da procura de regularidades e relações causais entre os seus elementos constituintes. A epistemologia positivista baseia-se essencialmente na abordagem tradicional que domina as Ciências Naturais. Os positivistas podem diferir em termos de abordagem detalhada. Alguns poderão argumentar, por exemplo, que as regularidades hipotéticas podem ser verificadas através de um programa de investigação experimental apropriado (Lakatos, 2003). Outros sustentam que as hipóteses só podem ser falsificadas e nunca provadas como “verdadeiras” (Popper, 1993). A epistemologia do antipositivismo pode assumir várias formas, mas mantém-se firmemente contra a futilidade da procura de leis e regularidades subjacentes e de relações causais no mundo social. Os antipositivistas rejeitam o ponto de vista do observador que caracteriza a epistemologia positivista, como um ponto de vista para a compreensão das atividades humanas.

Ao contrário da epistemologia filosófica, a epistemologia científica, qualquer que seja a escola, abstém-se de levantar imediatamente a questão da possibilidade ou do não conhecimento. Contenta-se em observar a formação desse conhecimento ao longo do tempo, levando-se em consideração também a experimentação de suas leis.

Rubem Alves (1981), de forma engajada fortalece a ideia de que a Filosofia da ciência fez uma distinção entre a metodologia, entendida como forma de refletir sobre os métodos científicos, e a geral ou epistemologia específica de cada disciplina científica, entendida como reflexão sobre as condições e o valor do conhecimento. Atualmente, os dois ramos já não se distinguem: a metodologia representa, por assim dizer, a tecnologia da investigação científica e depende da própria ciência, e a epistemologia é a criticidade dos métodos em seu nível máximo.

## **2.1 Presupostos ontológicos filosóficos**

Na escolha de um determinado método, notoriamente se firma uma base estrutural como sustentáculo primordial para essa vertente, dessa forma, se segue claramente um determinado caminho, para atingir um determinado objetivo ou propósito. Este fim pode ser simplesmente o conhecimento ou um fim humano, vital

e ou material. O cientificismo se opõe firmemente a um procedimento aleatório de qualquer natureza, já que este se firma na Doxologia(senso comum), pois a episteme é sobretudo uma ordem consolidada sobre um conjunto de regras previamente ou não definidas que podem ser ajustadas no desenvolvimento da pesquisa por causa das suas nuances apresentadas no campo pelo objeto.

As relações entre as questões ontológicas e epistemológicas estão relacionadas com a natureza humana, e em particular, a proximidade entre os seres humanos e o seu ambiente social, uma vez que, a vida humana essencialmente se torna sujeito e objeto de sua própria investigação em determinadas esferas. Diante deste paradoxo, esse prisma demonstra evidentemente que os homens e as suas experiências são observados como produtos do meio social vivente, isso leva aos cientistas sociais a diferentes metodologias. Sabendo-se que a natureza ontológica traz à tona, verdadeiramente a essência do fenômeno sob investigação.

Na perspectiva da Filosofia, a Ontologia se origina especificamente na Metafísica, de acordo com Aristóteles é a Filosofia Primeira porquanto seu objeto está implícito nos objetos de todas as demais ciências, que estuda os caracteres fundamentais do ser enquanto ser, na concepção de Chauí (2003), a palavra ontologia é formada por outras duas palavras gregas: onto que significa “o Ser” e logia, “estudo, tratado ou ciência \ conhecimento”. Dessa forma, Ontologia significa “estudo ou conhecimento do Ser, dos entes ou das coisas tais como são em si mesmas, real e verdadeiramente” assim, todo ente tem essência e não pode abrir mão de si mesmo, e esse princípio precede todos os outros.

A Ontologia pode representar uma visão parcial e simplificada de uma determinada realidade de acordo com a Filosofia, seria uma explicação sistemática da existência. Logicamente, homens e mulheres utilizam processos cognitivos, para representar aquilo que existe seja representado plenamente. Assim, a Ontologia é uma forma de Representação do Conhecimento, sendo uma lente que traz à tona a realidade objetiva para um modelo bem delineado do que se pretende representar dentro de suas especificidades.

Para esse padrão investigativo, Dilthey (1833-1911) denominou de “ciência do espírito” (Geissenswissenschaften), especificando os limites na esfera de atuação de homens e mulheres dentro de uma perspectiva epistemológica. Os termos técnicos devem ser utilizados de forma bem criteriosa, epistemologicamente para as ciências

humanas e sociais a palavra mais adequada seria “compreender” (Verstehen). No campo da compreensão dos fenômenos sociais o conceito de ethos se torna importante já que “representa um tipo de vida implícito no estado de coisas do qual esse tipo de vida é uma expressão autêntica” (Geertz, 1973, p.143), se distanciando totalmente das Ciências Físico-Matemáticas que buscam explicar (erklären) ou explicação (erklärung) dos fenômenos relacionados ao seu objeto de estudo.

Uma das questões mais gerais e também mais debatidas é a relação que deve ser estabelecida entre o método e a realidade que se pretende conhecer. É comum julgarmos que o tipo de realidade que se aspira conhecer determina a estrutura do método a seguir e que seria um erro instituir e aplicar um método inadequado. A Matemática não exige o mesmo método que a Física, e a Física não usa o mesmo método que a História. Por outro lado, a busca da existência um método comum, que tem levado os estudiosos a aspirar a um método universal, aplicável a todos os ramos do conhecimento e em todos os casos possíveis, o que se apresenta de modo uma incompatibilidade profunda por causa da natureza de cada ciência e suas particularidades bem definidas essencialmente pelos seus objetos.

## **2.2 Presupostos epistemológicos**

Podemos falar sobre métodos gerais e métodos especiais. Os gerais são como análise, síntese, dedução, indução. As especiais são, sobretudo, determinadas pelo tipo de objeto a ser investigado ou pela classe de proposições a serem descobertas.

O método de indução proposto por Francisco Bacon (2005) baseia-se no princípio de que é essencial que todo conhecimento comece a partir da observação da natureza que, uma vez conhecida, pode ser modificada pelo ser humano. A indução baconiana envolve as seguintes três etapas:

- 1) A parte destrutiva, que combate as idolatrias, ou seja, crenças infundadas e falsas verdades resultantes da aceitação passiva de hábitos mal-entendidos profundamente enraizados, perpetuados através da linguagem, ou seja, definições erradas.

- 2) A parte preparatória que recomenda observação e experiência tendendo a anular o critério previamente estabelecido por efeito da “autoridade”.
- 3) A parte informativa, que visa formular leis explicativas dos fenômenos observados.

O método experimental baconiano obriga à submissão ao fato, tomando-o como fonte, medida e controle de todo conhecimento; sustenta-se, portanto, num confronto constante entre pensamento e realidade. Realidade, aqui, significa o conjunto de dados empíricos a serão analisados metalicamente e ou friamente em si mesmo.

Descarte propõe o método dedutivo tomando como paradigma o conhecimento matemático, que considera científico apenas o conhecimento certo e evidente. Mas, para obter um determinado tipo de conhecimento, é necessário submeter previamente todas as informações ao crivo da dúvida: só será verdadeiro o conhecimento que resista à dúvida e que esteja livre de qualquer confusão entre o que é verdadeiro e o que é falso. O verdadeiro conhecimento seria caracterizado pela clareza e distinção.

Claude Bernard (1993), fisiologista e teórico do método experimental, afirmou que o espírito experimental não difere essencialmente do espírito dedutivo. Para ele, o espírito humano funciona sempre da mesma forma, a única diferença é que no caso da experimentação haveria uma dedução provisória, que exige verificação experimental: o fato sugere a ideia, a ideia direciona a experiência, a experiência julga a ideia. Este processo circular significa que, ao contrário da simples percepção, o facto científico é um facto construído através da observação, munido de instrumentos e aparatos; percebe-se que na maioria das vezes, o fato deve ser expresso, também de forma quantitativa.

Segundo a concepção bernadiana, “a ideia dirige a experiência”. isto é, sempre haverá uma ideia antecipatória da lei a ser estabelecida: “uma ideia antecipatória é um ponto de partida necessário para todo raciocínio experimental e prático” Bernard (1993). Nesse sentido, a hipótese inicial é o que orienta o experimentador: é o que causaria a experiência. Mas, para controlar a hipótese estabelecida, a experiência deve ser verificável. Também, através da experimentação, ao contrário da simples observação dos fatos, tais como ocorrem espontaneamente na natureza, as condições para uma determinada observação

podem ser concretizadas em circunstâncias mais favoráveis. Com a utilização de tais recursos de verificação, a hipótese é finalmente transformada em lei científica.

Com o desenvolvimento das ciências, principalmente da física, durante o século XIX e início do século XX, surgiu um novo racionalismo, que não se perturba em encontrar eventos pouco prováveis, desde que regras precisas de combinação e verificação permitam previsões a serem feitas, das quais se extrai uma forma operacional, ou seja, que são redutíveis a operações que podem realmente ser realizadas. O desenvolvimento da Física atraiu ciências que começavam a surgir. A psicologia, por exemplo, tentou descobrir, no domínio das sensações, leis comparáveis às simples leis que regem as variações das vastas dimensões físicas referenciadas pela perspectiva do Gestalt criado pelo Filósofo e Psicólogo Christian Von Ehrenfels. (1859 -1932).

Em relação aos fenômenos humanos, a atitude racional parece oscilar entre compreender e explicar. Explicar seria mostrar a experiência de ligações constantes entre determinados fenômenos e deduzir que daí derivam os fenômenos estudados (como a física); Compreender seria reproduzir intuitivamente um determinado acontecimento. A Psicologia Experimental, por exemplo, tentaria explicar, já a abordagem fenomenológica estaria comprometida com a compreensão dos fenômenos psicológicos.

A questão da objetividade das ciências humanas está intimamente ligada à escolha de um método adequado a estas áreas do conhecimento. Muitos autores afirmam que, nessas ciências, a relação entre sujeito e objeto de conhecimento deve ser vista como sendo de um tipo especial, diferente do que ocorre no campo das ciências físicas. Na discussão desses temas contrastam diversas correntes metodológicas, como o estruturalismo e a dialética de raiz marxista.

O conhecimento científico, independentemente do que as escolas de pensamento considerem, deve ser obtido através de métodos de pesquisa, ou seja, métodos que identifiquem as operações mentais e as técnicas que possibilitem a apresentação do problema, as possíveis hipóteses para uma possível proposta de soluções exequíveis. A formulação do problema é considerada hoje, o ponto de partida de toda pesquisa, ou todo o motor do processo de pesquisa do ponto de vista clássico, que estabeleceu a observação como a atividade que dá início ao processo de produção do conhecimento científico. Bachelard (1976) escreve que (...)



o significado do problema é ser o nervo do progresso científico que (...) um problema insolúvel é um problema mal focado.

### **3 OPCÕES METODOLÓGICAS**

Diante dos paradoxos existentes na ciência e sua busca incessante e até mesmo destemperada pelas respostas consistentes se notabiliza a cada dia; diante das imprevisibilidades provocadas pela dinâmica natural imposta pela sociedade. Fazer ciência é uma tarefa extremamente árdua, trabalhosa e por não dizer complexa, para todo e qualquer cientista desenvolver seus estudos é aceitar um grande desafio, pois, fazer ciência é ter um peso muito importante para o desenvolvimento da humanidade. A fim de aprofundar e de entender pontos de vistas alternativos, é importante que o cientista esteja totalmente consciente na consistência dos pressupostos em que sua perspectiva estará estruturada.

#### **3.1 Técnicas quantitativas**

O desenvolvimento teórico e a reflexão metodológica, motivados pelos avanços na matemática, na lógica e na ciência da informação de dados, criam, para a pesquisa científica, um arsenal de instrumentos técnicos difíceis de manipular por um único indivíduo. Pelo contrário, esta massa de dados foi desenvolvida em quatro direções básicas: técnicas de análise qualitativa, técnicas de análise quantitativa não testadas, técnicas de análise experimental propriamente ditas (incluindo a construção de modelos e utilização de simulações), e técnicas de análise histórico-estrutural.

Atualmente, existe uma tendência entre os cientistas de concordarem com a ideia de que não há pesquisa sem pressupostos teóricos estruturantes. Na verdade, é a teoria que orienta o trabalho de investigação do início ao fim. É a estrutura teórica de uma ciência que preside tarefas de coleta, registro, processamento e análise de dados. Com isso, há uma preocupação crescente em desenvolver técnicas de pesquisa que produzam dados de qualidade superior, teoricamente dotados de significado.

Antes de tudo, seria estritamente necessário formular com suficiente clareza teórica, como foi dito, qual é o problema que se coloca as hipóteses formuladas nessa fase devem ter uma relação rigorosa com o corpo de conhecimento existente. O avanço técnico-metodológico, nesta área, ocorreu principalmente no campo da formulação de teoria. Embora esta formulação não possa ser expressa através da matematização da teoria, ela facilita o trabalho de dedução das hipóteses no corpo da pesquisa. Faz-se necessário prospectar uma análise entre a estrutura teórica e a realidade no campo de atuação, para se aceitar ou rejeitar uma hipótese quando esta é confrontada diretamente\ frontalmente com os dados empíricos.

A posteriori consistiria em traduzir as hipóteses formuladas em termos de instrumentos e operações que possam ser realizadas em nível empírico. Grande parte da pesquisa empírica concentra-se nesta fase em geral, os conceitos cujas relações empíricas se tentam determinar referem-se à propriedade dos objetos sociais; Desta forma, a primeira preocupação é passar da linguagem teórica dos conceitos para a linguagem operacional. Isto implica uma seleção dos indicadores observáveis do conceito e, principalmente, o desenvolvimento de técnicas que combinem os vários indicadores num indicador de conceito.

As ciências sociais diferem entre si nas propriedades dos objetos sociais de que tratam e, conseqüentemente, essas singularidades e ou particularidades vêm à tona diferenciando-as essencialmente uma das outras, e talvez por isso mesmo, um conjunto de instrumentos se apresentam ao cientista social. A esta fase de evolução das técnicas de investigação pertence a teoria da medição, os testes de veracidade e validade dos instrumentos de medição e, também, todas as técnicas de construção de índices e escalas.

Essas técnicas, bastante desenvolvidas em pesquisas que utilizam questionários ou entrevistas, cujas unidades de análise são os ponto(s) de vista(s) indivíduo(s), foram generalizadas e passaram a ser utilizadas em outros contextos de pesquisa. Nas unidades de análise são supraindividuais (grupos, organizações), entre outros, ecológicos (cidades, regiões, países) ou outros objetos culturais (documentos, discursos), bem como em desenvolvimentos recentes da chamada análise de conteúdo.

Principalmente no que diz respeito às técnicas de construção de índices, as técnicas de viés estatístico-matemático existentes vão desde simples escalas

cumulativas até sofisticados modelos de análise fatorial ou de análise causal. Vale destacar também que, pela natureza do seu objeto de estudo, as Ciências Sociais têm buscado desenvolver instrumentos de medição que não interfiram no objeto medido. O progresso na criação de medidas também foi importante; O resultado destes avanços técnicos está permitindo a produção de dados melhores, mais válidos e também mais confiáveis.

Operacionalmente, a terceira fase da investigação social não difere substancialmente da segunda. É importante, contudo, destacar os procedimentos de coleta, registro ou processamento dos dados exigidos pelo problema de pesquisa. A escolha de uma estratégia para superar esta etapa, mesmo quando as etapas anteriores foram resolvidas de forma satisfatória, coloca o pesquisador em dificuldades práticas e éticas; além de obrigar você a recorrer novamente ao auxílio de outras ciências. No primeiro caso, o investigador tem de decidir entre estratégias de investigação com base no seu custo financeiro, nas suas implicações éticas e na sua duração; No segundo, entre outras coisas, você deve decidir se pode investigar todas as hipóteses a que se referem (universo de unidades) e, caso contrário, e mais frequentemente recorrer à teoria da amostragem, para decidir qual é o procedimento criterioso mais adequado na obtenção das amostras que melhor se adapta ao problema, tanto na questão orçamentária quanto na sua execução em si mesma. Nesta fase, o pesquisador reúne seus instrumentos de medição em um conjunto integrado de procedimentos.

Nas Ciências Sociais, dependendo do problema, pode-se optar pela utilização de dados já produzidos por outros agentes ou fontes secundárias. Caso seja necessária a produção e recolha de dados originais, os instrumentos variam desde a observação participante até entrevistas estruturadas e pré-codificadas, passando pela utilização de entrevistas não estruturadas e questionários abertos.

Por fim, inicia-se nesta etapa da pesquisa: a análise dos dados. Primeiramente, para testar as hipóteses que norteiam o trabalho, recorrendo constantemente ao referencial teórico em questão, principalmente quando os dados parecem confirmá-lo. Em caso de dúvida, quanto às evidências empíricas a favor das hipóteses, é isso que deve ser testado novamente. Em segundo lugar, o pesquisador deve voltar sua atenção para resultados inesperados, pois daí podem surgir hipóteses novas e frutíferas.

Entretanto, nesse aspecto, há uma tendência conservadora: no conflito entre um resultado inesperado e um conjunto de hipóteses bem estabelecidas, o pesquisador quase sempre se inclina em favor do conservadorismo. Esta tensão entre as forças das teorias estabelecidas e as evidências contraditórias reacende a curiosidade do cientista e do próprio trabalho de investigação. Nesta fase, principalmente no tipo particular de pesquisa social, tanto a Estatística como a Matemática são amplamente utilizadas e constituem um poderoso auxílio para o cientista social, principalmente quando este não se deixa levar pela elegância formal dos modelos, mas como toda e qualquer metodologia tem seus limites, pode ser adequação ou inadequado dependendo do objeto de estudo.

### **3. 2 Técnicas qualitativas**

As chamadas técnicas de análise qualitativa, que consistem em análises, observação participante, sociogramas, etc., avançaram muito, principalmente no contexto da etnometodologia. Outra estratégia metodológica importante, embora não tenha conseguido codificar satisfatoriamente a sua lógica de pesquisa, é a análise histórico-estrutural. A sua inspiração teórica insiste na análise macroestrutural das totalidades históricas concretas, na procura das suas leis de funcionamento, das transformações e da singularidade dos processos sociais. Esforça-se, portanto, por alcançar uma análise globalizante e integrada, cuja metodologia ainda está em estado potencial. Embora dificulte a apresentação de um esboço de suas pesquisas, esta posição ilustra dois pontos importantes: 1) não existe um conjunto de padrões metodológicos fixos e imutáveis que garantam o valor científico da pesquisa; 2) O conhecimento metodológico avança e se transforma junto com o conhecimento substantivo.

Na perspectiva de Georges Gurvitch (1950, p. 7):

O objeto da sociologia é a realidade social tomada em todas as suas partes em profundidade, da crosta externa da sociedade sua base morfológica (geográfica, demográfica, ecológica, instrumental, etc.), passando pelas superestruturas organizadas pelas práticas cotidianas flexíveis, [...] até os valores e ideias coletivas [...] e, finalmente, até a mentalidade social, a um tempo coletiva e individual; existe um vaivém perpétuo que tece a própria trama da

realidade social. Todas essas camadas em profundidade se interpenetram formando um todo indissolúvel 'os fenômenos sociais totais' [...].

Assim, na aquisição dos dados de natureza descritiva retratam pessoas, ambientes organizacionais e a interatividade acontecem diretamente pela face a face com o pesquisador e com o problema diagnosticado, procura interpretar os fenômenos de acordo a ótica dos agentes sociais envolvidos, ou seja, dos “nativos” da localidade envolvida no estudo. Dessa forma, prioritariamente uma abordagem essencialmente qualitativa, tem uma inclinação e disponibilidade para compreender o conjunto de relações que se estabelecem. Segundo Bogdan e Biklen (1982 apud Lüdke; André, 1986, p.14), “A pesquisa qualitativa, envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. Já Minayo (2010, p. 210 complementa essa perspectiva trabalhando com seu “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.”

A pesquisa qualitativa, segundo Ludke (2012, p. 11), “(...) tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Entretanto, o Cientista e Metodólogo Campoy Aranda (2018, p. 254), traz em seu Manual uma definição bem atualizada e adequada recorrendo a Denzin y Lincoln (2011, p. 3) para se definir melhor a sua amplitude conceitual:

La investigación cualitativa es una actividad que sitúa al investigador en el mundo. La investigación cualitativa consiste en un conjunto interpretable, materiales prácticos que hacen visibles al mundo. Esas prácticas transforman el mundo, Convierten al mundo en una serie de representaciones que incluye notas campo, entrevistas, conversaciones, fotografías, grabaciones y las propias notas. A este nivel de investigación cualitativa implica en un enfoque interpretativo, un enfoque naturalista del mundo. Lo principal de la investigación cualitativa es el estudio de las cosas en su ambiente natural, tratando de dar sentido, o interpretar los fenómenos en términos de los significados que las personas le atribuyen.

Dentro de uma investigação de natureza qualitativa, poderemos obter dentro dessa perspectiva um aprofundamento da realidade local, um estudo

sistematico do objeto e da complexidade que os cerca, estudar uma determinada realidade requer necessariamente uma lente metodológica para nos auxiliar em uma interpretação mais saudável possível independentemente da conjuntura que se esteja inserido. A complexidade será tratada aqui se baseando nos estudos de Morin (2005a, p. 334), que afirma:

Não produz nem gera a inteligibilidade, ela pode incitar a estratégia/inteligência do sujeito pesquisador a considerar a complexidade da questão estudada. A complexidade não está no objeto, mas no olhar do pesquisador, na forma que ele estuda seu objeto e na maneira como ele aborda os fenômenos.

E complementa especificando que:

[...] aprender não é somente reconhecer o que, virtualmente, já era conhecido; não é apenas transformar o desconhecido em conhecimento. É a conjunção do reconhecimento e da descoberta. Aprender comporta a união do conhecido e do desconhecido (Morin, 2005a, p. 70).

A pesquisa qualitativa parte inicialmente através de questionamentos e prioridades de natureza ampla, que vão metodologicamente afunilando-se processualmente na medida em que o estudo vai evoluindo. Segundo Minayo (2010, p. 48), as pesquisas de natureza qualitativa podem ser compreendidas como:

[...] aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Na pesquisa qualitativa o destaque está mais voltado para a qualidade e a profundidade de dados apreendidos in loco no campo e também nas descobertas a partir de fenômenos observados, na sua interpretação, valorizando sempre o processo e o seu significado em si mesmo. Seus resultados são ideias e textos bem articulados sendo analítica e ou explicativa, logo, ela será regida pelas

informações\dados que gerarão possíveis conclusões e reflexões, baseadas sempre na complexidade da sociedade onde a pesquisa foi desenvolvida.

### **3.3 O método histórico, comparativo e crítica-racional**

Miguel Beltrán (1985) de forma bem consistente elabora considerações pertinentes sobre os diferentes métodos abordados frequentemente nas Ciências Sociais. Há páginas atrás, os métodos quantitativos e qualitativos foram discutidos com alguns detalhes. A seguir, são apresentadas brevemente ideias fundamentais com elementos significativos em relação ao método histórico, comparativo e crítico-racional.

Inevitavelmente Beltrán começa duvidando da existência do método científico. Para ele, abordar o problema do método da Sociologia envolve primeiro a questão de saber se existe um que possa ser chamado de método científico, no sentido de ser um só e esse ser genericamente aceito. Dessa forma, se essa hipótese fosse confirmada, as ciências sociais, humanas, culturais ou históricas abraçariam um método desenvolvido para as ciências físico-naturais.

#### **3.3.1 O método histórico na sociologia**

Beltrán considera que a ciência da sociedade deve resumir sistematicamente o método histórico. Não que a Sociologia deva incluir entre suas técnicas de pesquisa aquelas que são próprias do historiador para reconstruir o passado e interpretá-lo, mas sim naquilo que ela estuda, sobre como surgiu e como é, ou mesmo por que surgiu.

Não há sentido numa sociologia histórica que não pergunta de onde vêm os processos e instituições sociais, e suas inclinações naturais, e que as examina dentro de um recorte estabelecido, dentre os quais os parâmetros tempo estarão contidos dentro da divisão da História e seus devidos impactos na sociedade.

O tipo de Sociologia sem sensibilidade histórica acredita que estuda o presente, quando já não tem outra existência senão a linha divisória puramente conceptual entre o passado e o futuro. A sociedade humana muda tanto de um país

para outro, de um século para o outro, que deve ser considerada um fenômeno histórico.

Quando Beltrán exige da Sociologia a necessária sensibilidade histórica, e mesmo um método histórico, não está defendendo a necessidade de os sociólogos fazerem previsões históricas, mas sim uma "posição" histórica, isto é, que se esforcem para ver os fenômenos sociais através ao longo do tempo, e que percebam a duração da realidade social, tanto em curtos quanto em longos períodos, além do escopo preciso para falar das mudanças vivenciadas.

Beltrán fala do método histórico na Sociologia, referindo-se a ele como sociologia do presente. Pretende-se com isso afastar neste contexto qualquer inconstância da sociologia da história, embora respeitável, se existir, porém nada tem a ver com a necessidade do sociólogo considere a gênese do que você estuda. Ao defender o método histórico na Sociologia, Beltrán não significa fazer uma sociologia do passado, mas sim fazer uma interpretação da história da sociedade no presente, tanto como do seu *modus operandi* dos seus fenômenos e seus respectivos desdobramentos, isso na medida necessária vai revelar o impacto dessa construção hoje.

### *3.3.2 O método comparativo*

Por método comparativo, basta aqui entender, o recurso à comparação sistemática de fenômenos em diferentes tempos e áreas espaciais, com o objectivo de obter uma visão mais rica e livre do fenômeno pertencente ao ambiente ou época do investigado, ou de articular uma teoria ou explicação que se adapte a fenômenos que transcendem áreas ou tempos específicos.

Para Rokkan (1968), a consolidação dos interesses da metodologia comparativa desenvolve-se em dois pólos: 1) o da manipulação de dados obtidos pelo investigador em condições de completo isolamento, em relação a outros cientistas sociais, pertencentes a culturas e sociedades já estruturadas; 2) garantir o grau de comparação dos dados, em todos os tópicos e fases do processo, através da participação de cientistas sociais de todas as culturas e sociedades estudadas.

Entre estes dois hipotéticos extremos, desenvolve-se a investigação comparativa em Sociologia, normalmente em três destes níveis:



- I. O primeiro, em que se realiza a recolha e articulação sistemática de dados produzidos de forma independente e de dados provenientes de investigação não coordenada; são os dados produzidos por autores e publicados em revistas e livros;
- II. O segundo, aqueles provenientes de esforços que visam influenciar instituições que realizam regularmente processos de coleta de dados em diversos países, para o desenvolvimento de metodologias mais adequadas, como é o caso da UNESCO, OIT, OMS, etc.); e,
- III. Os dados coletados em diversos países, com o propósito específico de compará-los.

Desde o início destas investigações, o interesse pelas comparações consolidou-se e os seus pressupostos teóricos e ferramentas metodológicas foram extraordinariamente refinados, embora nem sempre o que se optou por comprar, nem os seus resultados, foram completamente satisfatórios.

A tradição sociológica baseia-se sistematicamente em exames da realidade social num nível de análise inferior ao da totalidade social, que é uma entidade demasiado complexa para se deixar apanhar na malha de uma investigação ambiciosa. No entanto, isto não exclui que o investigador apoie seu trabalho sob um trio de totalidade social.

### *3.3.3 O método da teoria crítica racional*

A teoria crítico-racional estabelece um método ou um modelo de teoria científica que veio trazer desdobramentos importantes e que trouxeram consequências diretas e objetivas para se analisar a realidade social, prevalecendo principalmente a não separação entre indivíduo e sociedade, como se fosse elementos desassociados, essa simplificação busca evidentemente a eliminação das contradições da práxis no âmbito social. Do ponto de vista estrutural consideramos objetivamente que a teoria crítica vislumbra um diagnóstico preciso do tempo presente, orientação emancipatória para o efetivação do comportamento crítico.

Horkheimer(1983) afirma num famoso artigo que:

As diferentes escolas sociológicas têm a mesma concepção de teoria, e esta é a das ciências naturais [...]. Nesta concepção da teoria [...] a função social realmente cumprida pela ciência não se manifesta; Não é explicado o que a teoria significa para a vida humana.

Tal função social baseia-se no princípio de que os cientistas se dedicam apenas a classificar as atividades e consideram a realidade social como extrínseca, de frente para ela como cientistas e não como cidadãos. Consequentemente, a realidade é concebida como constituída por dados que devem ser verificados, sem grandes implicações da atividade científica na organização racional da atividade humana, para a construção de um mundo que satisfaça as necessidades humanas. Contra esta concepção tradicional ou positivista da ciência, Horkheimer (1983, p. 117,118) opõe a teoria crítica “[...] Nunca procura simplesmente um aumento do conhecimento como tal: o seu objetivo é a emancipação do homem da escravatura”.

Esta reivindicação de que as ciências sociais exerçam a racionalidade na consideração dos propósitos sociais é como dizer que um dos métodos da Sociologia deve ser racional-crítico. Trata-se de discutir e valorizar a racionalidade na consideração dos fins, questão sobre a qual a ciência positivista não quer saber, pois se trata de uma questão de “valores”, portanto se limita à racionalidade instrumental colocada como uma questão puramente técnica.

O método crítico-racional não implica que a ciência como tal assuma a tarefa de estabelecer objectivos sociais, mas significa que os objectivos sociais são susceptíveis de consideração racional e crítica. Contra o método crítico-racional não há outro argumento senão o empírico-positivista de rejeição do mundo dos valores.

O método racional não implica que a ciência social como tal assuma a tarefa de estabelecer objectivos sociais, mas significa que os objectivos sociais são susceptíveis de consideração racional e crítica. Contra o método crítico racional não há outro argumento senão o empírico-positivista de rejeitar o conhecimento que não se esgota no empirismo. O seu apoio, sobretudo, reside na tradição iluminista, que concebe a razão como uma luz, através da qual homens e mulheres podem dissolver as trevas que o rodeiam. Como indica Ferrater (2005, p.238) que “[...] A razão do século XVIII é a de uma atitude epistemológica que integra a experiência numa norma de ação moral e social”.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos apresentado as conexões entre etapas ou fases da construção do conhecimento e das possíveis opções no posicionamento segundo a aceitação de uns ou outros pressupostos, filosóficos, ontológicos, epistêmicos, sobre o caráter da ciência, e, teóricos metodológicos.

Nem a filosofia nem a ciência nem a sociologia são neutrais, mas, entre posições formais, e críticas, tem um leque de opções que dependem dos supostos, ou supostos abstraídos da prática na sua atividade, seja como filósofos e/ou como científicos de qualquer campo, mas particularmente das ciências sociais e humanas.

A fundamentação da própria prática acadêmica exige a reflexão dialógica sobre os próprios supostos implícitos na mesma como em qualquer atividade social e histórica. O lado ativo ou passivo, replicador ou transformador, das nossas práticas, depende do reconhecimento dos pressupostos que as guiam e fazem possíveis, expressão dos mesmos, na sua orientação e direção.

## 5 REFERÊNCIAS

ALVES, R. Filosofia da Ciência: **Introdução ao jogo e suas regras**. Editora Brasiliense.1981.

ASSIS, M. **Obra completa**. Nova Aguilar, Rio de Janeiro.2008.

BACON, F. **Novum Organum ou Verdadeiras interpretações acerca da natureza**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

BELTRÁN, M. **Cinco vías de acceso a la realidad social**. revista espanhola de investigações sociológicas. nº 29 . Madri, Espanha.1985.

BURRELL, G.; MORGAN, G.. **Pressupostos sobre a natureza das ciências sociais**. Parte da obra Paradigmas sociológicos e análise organizacional. Livros Educacionais Heinemann, Londres.1979.

BRAUNDEL F; PAUL, A. **La Historia y las Ciencias Sociales**. Alianza Editorial Sa; Edición.2005.

BRAUDEL, F. História e Ciências Sociais: a longa duração. In: BRAUDEL, F. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CARDOSO, F. H. . **Investigação social**. Editora Abril. São Paulo.1973.

CAMPOY, A. T. J. **Metodologia da pesquisa científica: Manual para elaboração de teses e trabalhos de pesquisa**. Marben. Suposição. Asunción, Paraguay.2018.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. **The Sage Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks, CA.2011.

ENTRALGO, P. L. **História da Medicina**. Aliança Editorial.1993.

FERRATER, M. J. E. In: MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. Tomo II (E-J). São Paulo: Loyola, 2005.

GEETZ, C. **A Interpretação das culturas**. Zahar. Rio de Janeiro.1973.

GURVITCH, G. **A vocação atual da sociologia**. Presses Universitaires de France, p. 7. Paris.1950.

HORKHEIMER, M. “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”. In: Benjamin, Walter, Horkheimer, Max, Adorno, Theodor W., Habermas, Jürgen. **Textos escolhidos**. (Col. Os Pensadores, Vo. XLVIII). São Paulo, Abril Cultural, 1983. P 117-161.

JAPIASSU, H. **Para ler Bachelard**. Livraria Francisco Alves Editora S/A. Rio de Janeiro.1976.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. A.. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo.1986.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Rio de Janeiro: Cosac Naify.2003.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.2010.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.2005.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo, Cultrix, 1993.

ROKKA, S. **Comparative Research Across Cultures and Nations**. ed. by r. Volume 8 of International social science council. Published,1968.

VON EHRENFELS, C. **Philosophie – Gestalttheorie – Kunst: Österreichische Ideengeschichte Im Fin de Siècle**, Berlin: De Gruyter, pp.185–234.2017.